



Outras contribuições para o exercício do político na imagem contemporânea

Alexandre Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

ORCID: 0000-0002-0413-2268

Camila Monteiro Schenkel

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

ORCID: 0000-0002-5912-6308

Charles Monteiro

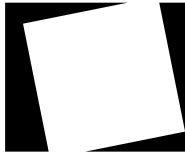
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

ORCID: 0000-0003-1498-8155

O dossiê *Exercícios do Político na Imagem Contemporânea – Parte II* é uma atividade do Grupo de Pesquisa do CNPq *Deslocamentos da Fotografia na Arte* e dá continuidade às reflexões apresentadas no número anterior desta revista devido à grande adesão à proposta. Seguimos trazendo textos que enfrentam problemáticas do mundo contemporâneo através da arte, em um escopo amplo de nuances de exercícios do político, tendo como pressuposto a reunião de diferentes pesquisas dedicadas à imagem técnica e seus desdobramentos.

Nesta segunda parte, destacam-se abordagens da imagem que privilegiam questões relativas à presença do corpo no espaço social e geográfico, trazendo à tona perspectivas sobre a produção e a representação de corpos dissidentes, assim como sobre as formas possíveis de habitar e compreender os espaços em uma realidade planetária na qual são flagrantes as consequências distópicas das ações humanas sobre os recursos naturais. Também se fazem presentes estudos sobre as transformações das práticas fotográficas e seu impacto nas subjetividades a partir da disseminação da fotografia digital, bem como sobre o próprio protagonismo das redes sociais como ferramentas

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.49

Jul 2024

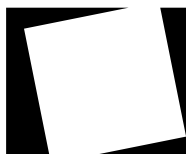
e-ISSN: 2179-8001

de construção e mediação da realidade. Em outras contribuições, as possibilidades políticas da imagem contemporânea podem ser percebidas a partir da recuperação da fotografia documental, seja para registrar o presente a partir de outros pontos de vista ou para revisar o passado. Quanto mais a realidade se torna mediada pelas *big techs*, mais importante é a recuperação do sentido documental da imagem fotográfica como possibilidade de engendrar visões críticas sobre o mundo em constante transformação. O conjunto de artigos aqui apresentados, dessa forma, evidencia a urgência de compreender melhor os desafios de nossos tempos por meio da pesquisa sobre a imagem.

No texto que abre o dossiê, intitulado *A fotografia: uma causa capital?*, o professor Michel Poivert, da Universidade de Paris 1, nos convida a repensar a fotografia a partir das suas relações históricas com diferentes estágios do capitalismo, em especial sua passagem de promessa de democratização da imagem a instrumento de manipulação e alienação a serviço do consumismo. Recorrendo ao conceito marxiano de valor, Poivert evidencia como o aparente automatismo do processo fotográfico oculta o trabalho e os custos implicados na produção de imagens fotográficas, cujo valor se exprime pelas trocas que instauram. Sua análise se ancora em dois fenômenos observados na atualidade: por um lado, a perda da função documental de fotografias vernaculares a partir de sua apropriação por artistas e consequente transformação em objeto de fetiche de colecionadores; e por outro, a crise das práticas fotográficas profissionais no contexto de produção digital e compartilhamento 'gratuito' de imagens nas redes. O pesquisador indaga se, em meio à crise do sistema econômico e sócio-político atual, a fotografia estaria caminhando para se tornar a expressão de um capitalismo da precariedade.

Claudio Marra, professor aposentado de História da Fotografia na Universidade de Bolonha, compartilha com Poivert a compreensão de que a história da fotografia se desenrola principalmente devido à transformação dos valores projetados sobre seus usos e práticas do que por sua evolução técnica ou estilística. Em *Deriva reacionária dos discursos sobre o digital*, o pesquisador italiano questiona o termo pós-fotografia, utilizado por diversos autores para fazer referência à transição da fotografia química para a fotografia digital. Seu artigo apresenta tanto uma análise técnica que sublinha a manutenção do aspecto indiciário no processo digital, quanto uma reflexão sobre os usos e funções da imagem fotográfica na contemporaneidade, destacando continuidades e

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.49

Jul 2024

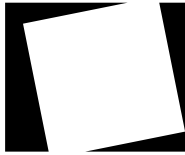
e-ISSN: 2179-8001

permanências entre os dois processos. Sem desconsiderar as profundas mudanças nos modos de produzir, difundir e compreender a fotografia nas últimas décadas, Marra chama a atenção para as limitações e implicações dos discursos que advogam a ausência, na fotografia numérica, de uma conexão física com o real, o que representaria uma ruptura total com as práticas anteriores. Trata-se de uma postura teórica, mas também política, que lança um olhar crítico para a propagada noção de fim da fotografia.

Em *Feminismo e fotografia italiana: notas sobre a herança dos anos 1970 nas novas gerações*, as pesquisadoras Cristina Casero e Federica Muzzarelli, respectivamente das universidades de Parma e de Bolonha, articulam dois momentos históricos diferentes para refletir sobre as relações entre fotografia e feminismo na Itália. As autoras investigam o legado da fotografia feminista italiana dos anos 1970 na produção fotográfica a partir dos anos 2000, considerando não apenas os discursos das artistas, mas, sobretudo, como essas imagens subvertem o pensamento sexista ao instaurarem um outro modelo estético. Casero e Muzzarelli apresentam ao público brasileiro uma série de artistas italianas cuja contribuição para ampliar o debate sobre arte e feminismos se dá sobretudo a partir da exploração da fotografia para a descoberta do corpo, a afirmação de identidades, assim como a denúncia de diferentes formas de opressão de gênero ainda vigentes.

As representações da corporalidade a partir da fotografia e sua relação com as discussões de sexualidade e de gênero também ganham destaque em *A resistência contradiscursiva queer: imagens de corpos dissidentes na arte contemporânea*, de Alexandre Santos. Considerando a presença intensa do fotográfico na arte contemporânea e o papel fundamental desse tipo de imagem na construção de discursos sobre os corpos, o autor nos convida a examinar as imbricações entre a história da fotografia, a produção artística atual e a questão *queer*. Santos recupera a constituição da teoria *queer* como campo de pesquisa acadêmica para, a seguir, estabelecer aproximações com pressupostos decoloniais e destacar a necessidade de uma revisão de suas contribuições no contexto específico do sul global. O artigo recupera, ainda, episódios recentes de retrocessos no campo artístico brasileiro para evidenciar o caráter disruptivo de produções que escapam à heteronormatividade, assim como os obstáculos por elas enfrentados. Por fim, o pesquisador retoma o caráter contradiscursivo dos corpos *queer* e sua potencialidade na arte, convocando-nos a questionar o como as instituições artísticas

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.49

Jul 2024

e-ISSN: 2179-8001

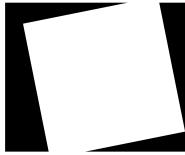
e a história da arte se posicionam frente a discursos que oprimem e excluem o que foge à norma.

Paula Trusz, em *O espelho é tela: a espacialização do corpo-imagem*, traz outro aporte à reflexão sobre as relações entre imagem fotográfica, corpos e gênero ao tratar de questões de autorrepresentação no contexto das redes sociais. A autora indaga se aplicativos como o *Instagram* seriam os espelhos da contemporaneidade a partir de um estudo sobre mulheres, miradas de si e construções de corpos e subjetividades. Com aportes teóricos da filosofia, da psicanálise, da cultura visual e das novas mídias, seu texto discute como as representações visuais podem confirmar ou subverter os padrões patriarcais de juventude e beleza impostos às mulheres. A análise culmina em um estudo das postagens realizadas por Cindy Sherman a partir de 2017 em seu perfil pessoal no *Instagram*. O compartilhamento público das experimentações com *selfies* e filtros desta artista conferem uma densidade reflexiva às redes sociais, para além dos clichês da feminilidade desejável, de maneira a borrar os limites entre o autorretrato e a fotografia ficcional e, também, entre a arte e as imagens dos meios de comunicação contemporâneos.

O artigo do professor Joaquín Barriandos, da Universidade de Monterrey, propõe uma análise sobre a condição pós-etnográfica da visualidade contemporânea. Como base da sua abordagem, o autor revisita o texto clássico de Hal Foster "O artista como etnógrafo", demonstrando a improdutividade de sua proposta etnográfica na arte contemporânea recente. Partindo das reflexões do crítico estadunidense, Barriandos demonstra os limites da perspectiva etnográfica, em um mundo contemporâneo cujas curadorias globais, influenciadas pelos pressupostos teóricos da decolonialidade, produziram o que, para ele, seria uma exaustiva representação das alteridades, diluindo seu caráter disruptivo.

O artigo de Mariano Klautau Filho, *As rotas fotográficas de Paula Sampaio - 2002/2020 "O Mundo é Bonito?" / "Die Welt ist Schön?" [parte 1]*, conforme o título enuncia, concentra-se na trajetória desta fotógrafa paraense oriunda da fotorreportagem jornalística, cuja poética concentra-se em projetos relacionados a andanças e registros fotográficos de populações que habitam o entorno de estradas amazônicas. O foco principal da análise trata de duas exposições, realizadas em Belém, como marcadores importantes de sua carreira: *Paula Sampaio Artista Convidada*, no Salão Arte Pará, de 2002; e *O Lago do Esquecimento*, no

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.49

Jul 2024

e-ISSN: 2179-8001

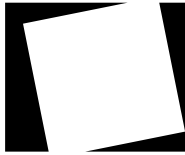
11º Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, de 2020. Além de uma análise formal, o autor propõe destacar o aspecto social do trabalho de Sampaio, o que evidenciaria o caráter político dos projetos realizados pela artista, compreendidos como uma verdadeira política das imagens no cenário contemporâneo da arte.

No texto seguinte, *iminências: fotografia, sertões e publicações de artista*, Rubens Venâncio dá continuidade à reflexão sobre a paisagem. Inspirado em autores como Didi-Huberman, Aby Warburg e Walter Benjamin, o artista propõe uma aproximação entre o seu fazer e os conceitos de *montagem*, *sobrevivência* e *ruína*. Trata-se de uma reflexão sobre o livro fotográfico *iminências*, inspirado pelo registro de três cidades do Ceará – Baixo das Palmeiras, Coroci e Jaguaribara –, todas em processos de transformação, seja por desapropriações ou pelo abandono, motivado pela falta de perspectivas de vida nesses lugares. Ao reinscrever, através da imagem fotográfica e do depoimento dos habitantes desses núcleos urbanos, outra perspectiva histórica sobre as especificidades da condição de vida na realidade geográfica do sertão, Venâncio pontua a importância de sua poética como um ato de resistência política.

Na sequência, o texto *Transbordar o passado: fotografia como documento e arte contemporânea*, de Camila Schenkel, reflete sobre diferentes concepções da prática da fotografia documental na arte contemporânea. Inicialmente, a autora problematiza a oposição histórica estabelecida entre as categorias de arte e documento para, a seguir, discutir o atual destaque conferido a práticas documentárias no campo da arte. A partir da discussão de diferentes concepções sobre o documental, os trabalhos *Dissonante, vago*, do coletivo Garapa, de 2013; *Cabanagem*, de André Penteado, de 2015; e *Ontem sonhei com dias melhores*, de Fernanda Gassen, de 2016; servem de base para suas hipóteses. Trata-se de produções fotográficas que revisam e ampliam a tradição do documental e refletem, a partir de diferentes estratégias, sobre a memória de conflitos que deixaram marcas em nosso tecido social.

Já em *A ecologia decolonial na fotografia de Denise Adams*, Virgínia Gil Araujo aborda três livros fotográficos desta artista, visando entender seu pensamento e sua poética a fim de entabular um diálogo com a história da fotografia. O artigo faz, inicialmente, uma comparação e distinção entre o método de trabalho de Denise Adams e o do referencial

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.49

Jul 2024

e-ISSN: 2179-8001

fotoógrafo de paisagens estadunidense Ansel Adams, com o objetivo de enfatizar a atmosfera efêmera das imagens da primeira. Por outro lado, o uso do corpo na produção da artista brasileira também é fundamental para confrontar a representação moderna e a dinâmica da produção de imagens, e sobretudo, permitir um diálogo com a *body art*, a *land art* e a *narrative art*. Segundo Araújo, Denise não está preocupada apenas com a forma da fotografia, mas também com a efemeridade das experiências, a fim de aumentar a conscientização sobre a necessidade de preservação da paisagem natural e da vida que ela sustenta.

No artigo *Arte, catástrofe e antropoceno na fotografia de Alice Micelli*, Charles Monteiro também dialoga com a história da fotografia e interpreta as imagens de uma catástrofe ao apresentá-las como sintomas e emblemas do Antropoceno ou do Capitaloceno. Alguns artistas contemporâneos, tais como Micelli, propõem através de poéticas singulares e experimentações técnicas uma reflexão sobre as causas de desastres socioambientais, que colocam em risco as condições de vida no planeta. Entre 2007 e 2010, a artista carioca fez várias viagens à Pripjat, na Ucrânia – onde ocorreu o acidente nuclear de Chernobyl em 1986 – para capturar, através de câmeras especialmente desenvolvidas e com o uso de filmes sensíveis aos raios gama, imagens desse perigo mortal. Micelli investiga, assim, lugares habitados por um perigo invisível e busca evidenciar aquilo que, apesar de não visto, paira ameaçadoramente sobre todas as coisas.

Finalizando este dossiê, apresentamos a entrevista realizada por Alexandre Santos com Hudinilson Jr. (São Paulo, 1957 – São Paulo, 2013) no início dos anos 2000. O resgate desse diálogo aponta para as condições de produção e os contextos relacionados aos trabalhos desse multiartista, que experimentou diversas linguagens, inclusive como um dos precursores no Brasil das intervenções urbanas. Na entrevista, Hudinilson Jr. conta como se formou o coletivo 3NÓS3, que integrou juntamente com Rafael França e Mário Ramiro, detalhando suas intervenções na cidade de São Paulo. Entre diferentes temas e trabalhos que marcaram sua trajetória, o artista enfatiza o seu pioneirismo ao produzir performances nas quais registrava o seu próprio corpo nu em interação com fotocopiadoras. O viés político de suas provocações, muitas delas relacionadas direta ou indiretamente à imagem técnica, reside justamente no fato de que Hudinilson Jr., como um verdadeiro artista marginal, nunca separou sua persona de sua vida errante e alheia às regras do meio artístico.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.49

Jul 2024

e-ISSN: 2179-8001

A grande abrangência de temas e problemáticas trazidos nos artigos e na entrevista que encerra esta coletânea evidencia, assim, o desafio da criação de novos saberes sobre a imagem no mundo contemporâneo, assim como sua potência transformadora. Convidamos a todos a embarcarem conosco nestes instigantes exercícios do político na imagem contemporânea e desejamos uma profícua leitura.

Como citar: Santos, A. (2023). Algumas palavras sobre os exercícios do político na imagem contemporânea. *PORTO ARTE: Revista De Artes Visuais (Qualis A2)*, 27(48).

Doi: <https://doi.org/10.22456/2179-8001137034>